

# FGV prevê expansão moderada

por Reginaldo Heller  
do Rio

A principal conclusão a que chegaram os economistas do quadro permanente do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas é de que a economia brasileira vai crescer em 1982, mas num ritmo apontado como apenas moderado. E isto devido a duas limitações fundamentais: a defasagem da estrutura da oferta em relação à nova configuração da demanda, provocada pelos custos de produção exacerbados pela crise energética; e os grandes projetos industriais e de infra-estrutura, iniciados

na década de 70, e ainda exigindo grandes somas de recursos, ou seja, representando importante limitação a um reaquecimento não inflacionário mais expressivo.

Essa opinião dos economistas da FGV está expressa na carta do Ibre, distribuída ontem, e que será publicada no próximo número da revista Conjuntura Econômica.

Apesar de seu hermetismo, a carta do Ibre deixa transparecer algumas previsões, como a temporariedade da queda de juros internacionais e a dificuldade na atração de capitais externos para investimentos

de risco. Ou, ainda, uma certa crítica à eufórica esperança de "relançamento econômico através de novos pólos de crescimento, como a província de Carajás ou a nova agricultura irrigada do cerrado". Segundo a carta, tais projetos devem ser encarados com objetividade e o relançamento, com cautela. "Tanto a extração mineral quanto a agricultura estão, sem dúvida nenhuma, entre as respostas mais adequadas e rentáveis que o Brasil pode dar ao desafio da competição internacional na década de 80. Nem por isso devem essas alternativas ser encaradas como as de retorno mais rápido".